

RELAÇÕES EXTERIORES

Sob rigoroso esquema de segurança, líder chinês é recebido no Alvorada em agenda com forte componente econômico e apelo à paz negociada na Ucrânia e na Palestina

Xi e Lula selam acordos e pedem fim de guerras

» VICTOR CORREIA

A visita do presidente da China, Xi Jinping, a Brasília, ontem, mobilizou o governo federal. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva recebeu o líder chinês com honras no Palácio da Alvorada, no início da manhã, para uma série de reuniões, assinatura de acordos, declaração à imprensa e almoço oficial. Os dois anunciaram a ampliação da parceria diplomática Brasil-China, defenderam a busca de soluções pacíficas para as guerras na Ucrânia e no Oriente Médio e o papel dos dois países na defesa dos interesses do chamado Sul Global.

Os 37 acordos assinados incluem a “sinergia” entre os programas de desenvolvimento do Brasil, como o Novo Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), e da China, na Iniciativa Cinturão e Rota — chamada de “nova rota da seda” —, projeto trilionário de investimentos em dezenas de países. Apesar da pressão da diplomacia chinesa para que o Brasil aderisse formalmente à “nova rota da seda”, o governo Lula negociou uma espécie de meio-termo com Pequim.

“Estabeleceremos sinergias entre as estratégias brasileiras de desenvolvimento, como a Nova Indústria Brasil (NIB), o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), o Programa Rotas da Integração Sul-Americana e o Plano de Transformação Ecológica, e a Iniciativa Cinturão e Rota”, declarou Lula, em pronunciamento, ao lado de Xi Jinping, em um salão do Alvorada.

A Iniciativa Cinturão e Rota já abrange mais de 120 países e mobiliza US\$ 1 trilhão em investimentos, mas o Brasil negou, novamente, sua entrada oficial no

programa. Na prática, a declaração diplomática de Lula admite receber investimentos pontuais do Cinturão sem causar um mal-estar com outros aliados, como os Estados Unidos. Uma lista de projetos prioritários será definida em até dois meses pelos dois governos.

Uma adesão formal poderia ser interpretada como alinhamento geopolítico à China, mas o Brasil sustenta a posição de manter relações pragmáticas com Pequim. Na diplomacia brasileira, o entendimento é que não é necessário aderir à “nova rota da seda” para atrair investimentos chineses.

Lula também destacou a proposta de paz para a guerra entre Rússia e Ucrânia, planejada e negociada por Brasil e China. A proposta foi rejeitada pelo presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, mas o presidente russo, Vladimir Putin, admite a possibilidade de aceitar a negociação.

“Em um mundo assolado por conflitos armados e tensões geopolíticas, China e Brasil colocam a paz, a diplomacia e o diálogo em primeiro lugar”, disse o chefe do Executivo brasileiro. “Os entendimentos comuns entre o Brasil e a China para uma resolução política para a crise na Ucrânia são exemplos da convergência de visões em matéria de segurança

internacional”, acrescentou.

O encontro elevou a relação entre Brasil e China de “parceria estratégica global” para “comunidade de futuro compartilhado por um mundo mais justo e um planeta sustentável”, em celebração, também, aos 50 anos de relações diplomáticas sino-brasileiras, celebrados em 2024. Lula destacou, ainda, a importância da China como maior parceira comercial do Brasil, com corrente de comércio (exportações e importações) de US\$ 157 bilhões em 2023.



China e Brasil devem assumir proativamente a grande responsabilidade histórica de salvaguardar os interesses comuns dos países do Sul Global e promover uma ordem internacional mais justa e equitativa”

Xi Jinping, presidente da China

O petista também agradeceu o apoio da China à formulação da Aliança Global Contra a Fome e a Pobreza — principal anúncio da presidência brasileira do G20 — e o interesse chinês na criação do Fundo

Florestas Tropicais para Sempre, proposto pelo Brasil, em 2023, para financiar a preservação desses biomas.

“Estou confiante de que a parceria que o presidente Xi e eu firmamos hoje (ontem) excederá todas as expectativas e pavimentará o caminho para uma nova etapa do relacionamento bilateral. Espero receber o presidente Xi Jinping no Brasil no ano que vem, para a Cúpula do Brics, em julho, e para a COP30, em novembro (em Belém). E estou ansioso para visitar a China novamente, por ocasião do Fórum China-Celac”, finalizou Lula.

Policimento reforçado

Na mesma linha, Xi Jinping defendeu o papel dos dois países como os maiores em desenvolvimento em seus respectivos hemisférios. “China e Brasil devem assumir proativamente a grande responsabilidade histórica de salvaguardar os interesses comuns dos países do Sul Global e promover uma ordem internacional mais justa e equitativa”, pontuou.

Ele também destacou a questão das guerras em andamento. Sobre a Ucrânia, argumentou que não existe “solução simples para um assunto complexo”, e que a proposta encampada por Brasil e China busca uma solução política. Sobre o Oriente Médio, disse estar “profundamente preocupado” com o alastramento do conflito, e apelou para um cessar-fogo e para que as negociações foquem na Palestina. “No momento, o mundo está longe de ser tranquilo”, disse Xi.

Recebido com honras de Estado, Xi passou as tropas em revista e assistiu a uma apresentação de canto e dança, logo após a execução dos hinos nacionais. Nos arredores da residência oficial da Presidência, chamou atenção o esquema de segurança montado para a visita do líder chinês — rigoroso até mesmo para os padrões de visitas semelhantes. Os acessos à Esplanada dos Ministérios e ao Palácio da Alvorada foram bloqueados, e o Lago Paranoá, ao redor da residência oficial, foi restrito e patrulado por lanchas. Usualmente, as visitas de Estado são realizadas no Palácio do Planalto, mas a de ontem foi transferida a pedido da segurança de Xi Jinping, que considerou o Alvorada mais isolado.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br



Brasil fica mais perto da nova Rota da Seda

O Brasil está mais perto da Rota da Seda, ou vice-versa, com a assinatura de 37 novos acordos bilaterais com a China, no encontro entre o presidente chinês Xi Jinping e o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, durante a visita de Estado do líder asiático, que foi recebido com honras militares no Palácio da Alvorada, residência oficial. Eles se reuniram a portas fechadas com a participação de diversos ministros de ambos os países. Os acordos alcançam as seguintes áreas: agricultura, comércio, investimentos, infraestrutura, indústria, energia, mineração, finanças, ciência e tecnologia, comunicações, desenvolvimento sustentável, turismo, esportes, saúde, educação e cultura.

Lula destacou que, apesar das distâncias geográficas, há meio século China e Brasil “cultivam uma amizade estratégica, baseada em interesses compartilhados e visões de mundo próximas”. Maior parceiro comercial do Brasil desde 2009, o comércio com a China teve, em 2023, o recorde histórico de US\$ 157 bilhões. “O superavit com a China é responsável por mais da metade do saldo comercial global brasileiro”, lembrou Lula. Para Xi Jinping, a relação entre os dois países vive o seu melhor momento na história.

“Mantive uma reunião cordial, amistosa e frutífera com o presidente Lula. Fizemos uma retrospectiva do relacionamento da China com o Brasil ao longo dos últimos 50 anos. Coincidimos que este relacionamento está no melhor momento da história. Tem uma projeção global estratégica e de longo prazo cada vez mais destacada. E estabeleceu um exemplo para avançarem juntos com solidariedade e cooperação, entre os grandes países em desenvolvimento”, disse Xi Jinping.

Como se sabe, os chineses não têm pressa, têm estratégia. A relação bilateral sino-brasileira adquiriu o status diplomático de “Comunidade de Futuro Compartilhado por um Mundo mais Justo e um Planeta Sustentável”. Isso significa uma projeção para os próximos 50 anos em áreas como infraestrutura sustentável, transição energética, inteligência artificial, economia digital, saúde e indústria aeroespacial. Os programas de desenvolvimento Nova Indústria Brasil (NIB), de Aceleração do Crescimento (PAC), de Rotas da Integração Sul-Americana, além do Plano de Transformação Ecológica serão objeto de sinergia entre os dois países, principalmente com a Iniciativa Cinturão e Rota, conhecida como a Nova Rota da Seda.

Brasil e China são os dois maiores países em desenvolvimento da Ásia e da América do Sul, com posições de liderança no chamado Sul Global, que abarca as nações pobres ou em desenvolvimento da América Latina, África e Ásia. Jinping também quer estreitar a relação de colaboração com o Brasil em fóruns multilaterais, como Nações Unidas, G20 e Brics, “enfrentando a fome e a pobreza”. Isso é música para Lula e o agronegócio brasileiro. Xi Jinping deve voltar mais duas vezes Brasil, em 2025, uma para participar da Cúpula do Brics, em julho, e outra para a Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP30), em Belém. Até lá, a geopolítica mundial estará muito alterada, por causa do governo de Donald Trump.

Pragmatismo diplomático

Nos bastidores, a agenda mais importante foi a não entrada do Brasil na Nova Rota da Seda, o trilionário projeto chinês iniciado em 2013, que prevê a realização de obras e investimentos para ampliar a presença do país no mercado mundial. Os chineses tentam atrair a adesão do Brasil ao programa há anos. Até agora, os governos brasileiros resistiram, por razões econômicas e geopolíticas: no primeiro caso, a China é concorrente e vem ocupando mercados que eram da indústria brasileira na América Latina; a segunda, a necessidade de manter boas relações com os Estados Unidos e a União Europeia, mercados importantes para as manufaturas e proteínas brasileiras. É um equilíbrio delicado, pois se trata de tirar partido da guerra comercial entre os Estados Unidos e a China, e não aderir a um dos lados.

A ex-presidente Dilma Rousseff (PT), que comanda o Novo Banco de Desenvolvimento (NDB), conhecido como Banco do Brics, e o assessor especial Celso Amorim, no governo brasileiro, são entusiastas de uma maior aproximação com a China, mas, até agora, tem prevalecido a tradicional estratégia de independência e pragmatismo do Itamaraty. Num cenário internacional conturbado, com Donald Trump na Presidência dos Estados Unidos, manter uma posição equidistante da guerra comercial entre as duas maiores economias do mundo não será nada fácil.

A Nova Rota da Seda (Belt and Road Initiative, em inglês) investe pesadamente em obras de infraestrutura, como rodovias, ferrovias, hidrovias, portos, produção e linhas de transmissão de energia, oleodutos e gasodutos, que conectam a Ásia à Europa. Agora, a China visa os países da África e da América Latina, como é o caso do megaporto inaugurado na semana passada por Xi Jinping no Peru. Atualmente, 147 países aderiram ou demonstraram interesse em integrar o plano, o que representa dois terços da população mundial e 40% do PIB global.

Na América Latina, em torno de 20 países integram a iniciativa, incluindo a Argentina, que assinou um memorando de adesão em abril de 2022. O presidente argentino Javier Milei reuniu-se bilateralmente com Xi Jinping na segunda-feira, no Rio de Janeiro, durante o G20. Entretanto, Donald Trump já anunciou que aumentará as tarifas sobre as importações de países que aderirem à Rota da Seda. Os Estados Unidos são o principal destino de nossas manufaturas, que geram mais empregos e têm mais valor agregado do que minério de ferro e produtos agrícolas in natura. Em 2023, a os chineses investiram US\$ 1,73 bilhão no país, um aumento de 33% em relação a 2022, segundo o Conselho Empresarial Brasil-China (CEBC).

Ricardo Stuckert/PR



No encontro no Alvorada, Lula e Xi Jinping assinaram 37 acordos, incluindo parceria com a empresa chinesa de satélites que concorre com Elon Musk

Aproximação com concorrente chinesa da Starlink

Ao menos um dos 37 acordos assinados ontem pelos presidentes do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, e da China, Xi Jinping, pode colocar em risco as atividades da Starlink, empresa de satélites do bilionário sul-africano Elon Musk. A cooperação será feita entre a estatal Telebras e a empresa chinesa SpaceSail, que está desenvolvendo um serviço de internet via satélite para concorrer diretamente com a Starlink.

O memorando de entendimento, assinado no Palácio da Alvorada, prevê o provimento de internet no Brasil para locais em que não há infraestrutura adequada, como cabos e torres de transmissão. Atualmente, o serviço é fornecido para órgãos públicos brasileiros pela Starlink. Porém, Elon Musk protagonizou um embate com autoridades do

Brasil, especialmente do Executivo e do Judiciário, desrespeitando decisões do Supremo Tribunal Federal (STF) e chamando o ministro Alexandre de Moraes e o presidente Lula de ditadores.

Musk é dono também da rede social X, antigo Twitter, que ficou bloqueada no Brasil por 38 dias após a plataforma se recusar a suspender contas que divulgavam conteúdos antide-mocráticos e a retirar sua representação legal do país, um requisito para que empresas possam funcionar por aqui. O bilionário também ocupará um cargo no primeiro escalão do governo de Donald Trump, a partir do ano que vem.

Recentemente, em evento do G20 Social, no Rio de Janeiro, no último sábado, a primeira-dama Janja da Silva xingou o empresário. “Eu não tenho medo de você.

Inclusive, fuck you Elon Musk”, disse Janja. Em resposta, Musk escreveu em sua conta no X: “Eles vão perder as próximas eleições”.

Segundo o Ministério das Comunicações, a SpaceSail está desenvolvendo seu serviço de internet de baixa velocidade com satélites de órbita baixa, para concorrer com a Starlink. A empresa chinesa, atualmente, opera 40 satélites, com expectativa de chegar a 600.

Os demais acordos assinados incluem abertura do mercado chinês para produtos agrícolas brasileiros, intercâmbio cultural, cooperação tecnológica, infraestrutura, indústria, energia, mineração, finanças, comunicações, desenvolvimento sustentável, turismo, esportes e saúde.

Participaram da reunião ampliada entre os dois governos, pelo lado brasileiro, o

vice-presidente e ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, Geraldo Alckmin; e os ministros Rui Costa (Casa Civil), Fernando Haddad (Fazenda), Mauro Vieira (Relações Exteriores), Carlos Fávaro (Agricultura), Alexandre Silveira (Minas e Energia), Juscelino Filho (Cidades), Luciana Santos (Ciência e Tecnologia), e Simone Tebet (Planejamento).

Também estiveram presentes o assessor especial da Presidência para assuntos internacionais, Celso Amorim, o presidente do BNDES, Aloizio Mercadante, e o futuro presidente do Banco Central, Gabriel Galípolo. A presidente do Novo Banco de Desenvolvimento (NDB), conhecido como Banco do Brics, a ex-presidente da República Dilma Rousseff, também participou dos anúncios. (VC)